Inovação

RS tem de aproveitar mudança no mercado, diz CEO da Tellescom

Ronaldo Aloise Júnior observa que Rio Grande do Sul tem todos os quesitos para se desenvolver na área tecnológica

Juliano Tatsch
juliano@jornaldocomercio.com.br

O CEO da Tellescom Semicondutores, Ronaldo Aloise Júnior, avalia que o mundo vive um momento ímpar para o setor de tecnologia e o Rio Grande do Sul deve surfar essa onda.

"A janela de oportunidades de 2024 a 2028 é excelente para os semicondutores no mundo inteiro. E o fato dessa janela acontecer aqui no Rio Grande do Sul, no momento em que ele se encontra, recuperado, saudável e pronto para se investir, é muito bom para nós. O RS é líder em microeletrônica desde a década de 1980, é um polo, e essa é uma das principais razões de termos vindo para cá", afirmou Aloise em sua participação no evento Buy RS, realizado no dia 9 de setembro em Porto Alegre.

Com um investimento inicial de US$ 170 milhões, a Tellescom Semicondutores vai implementar sua terceira fábrica no País. A nova unidade da empresa brasileira, que tem 18 anos de atuação, ficará na cidade de Cachoeirinha, na Região Metropolitana de Porto Alegre — as outras duas estão em Manaus (AM).

EVANDRO OLIVEIRA/JC

Executivo vê oportunidades para a área de semicondutores

Aloise destacou que o mercado global de semicondutores atualmente está na casa dos US$ 650 bilhões anuais. "Isso não é mercado digital, é só mercado de chips mesmo. Em cinco anos, mais ou menos em 2030, esse mercado será de US$ 1,2 trilhão", salientou. Segundo ele, o boom dos data centers e da Inteligência Artificial impulsionou este mercado.

O executivo destacou que há 84 fábricas de semicondutores wafers (lâminas de silício onde os circuitos estão impressos) no planeta. "O mundo precisa de 135 fábricas nos próximos cinco anos", observou.

Aloise lembrou que, nos últimos 40 anos, o desenvolvimento dessas fábricas se concentrou na Ásia, em razão do custo baixo da mão de obra e da alta capacidade técnica na área desses trabalhadores.

Segundo ele, a tendência atual é de "reshoring", ou seja, a gradual realocação da fabricação de produtos e a prestação de serviços de um país estrangeiro para o país de origem da empresa. "A tendência é de trazer de volta para os Estados Unidos e para a Europa essas novas fábricas. Então, existe a oportunidade de o Brasil entrar nesse processo", aponta.

O gestor pontuou que, nas últimas três décadas, a economia mundial "trocou de andar", deixando de ocorrer no chão, no cenário geopolítico e passando a se dar na nuvem, ou seja, na web. "Essa economia que acontece lá em cima precisa de energia elétrica, precisa de água, precisa de semicondutores e precisa de conhecimento. E o Rio Grande do Sul tem tudo isso, pronto para transformar em economia", concluiu.

Itec pretende formar próxima geração de lideranças em tecnologia

Formar 420 profissionais qualificados em 10 anos. Esse é o plano do Instituto de Tecnologia e Computação (Itec) apresentado pelo seu diretor de Desenvolvimento e Operações Cristiano Richter no evento Buy RS.

O gestor abordou o projeto de formação de profissionais qualificados, com um investimento de R$ 400 milhões no Rio Grande do Sul. "A proposta do Instituto é formar a próxima geração de lideranças em tecnologia do Brasil", afirmou.

Richter garantiu que a primeira turma de formação terá início em março de 2027 na estrutura a ser construída no Prado Bairro Cidade, em Gravataí. A instituição oferecerá graduação em Ciência da Computação e terá ensino imersivo com residência no campus de 20 hectares. "Vamos endereçar novos talentos para essa economia que está vindo."

Idealizado pelo empreendedor e filantropo Cristiano Franco, o Itec tem como fundadores e financiadores, além de Franco, os empresários Marcelo Lacerda e Sérgio Pretto, a Fundação Behring e a Telles Foundation. "Esse projeto tem três anos de maturidade. O Itec é o maior investimento de filantropia do Brasil hoje", celebra Richter.

O diretor de Desenvolvimento e Operações do Itec salientou que um estudo usando metodologia do MIT (Massachusetts Institute of Technology, nos EUA) indicou que o projeto tem potencial para gerar até R$ 5 bilhões em 10 anos na economia em razão do impacto causado pelo capital humano formado na instituição.

Por fim, Richter, suscitou uma reflexão. "Vemos que toda a base dessa economia do conhecimento vem do STEAM (sigla em inglês para Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática). Se olharmos os dados do Brasil hoje, temos apenas 16% dos formandos em Ensino Superior nessa área", concluiu.

EVANDRO OLIVEIRA/JC

Segundo Richter, Itec é o maior aporte de filantropia do País

Brasil pode ser polo mundial de data centers, diz diretor da Scala Data Centers

O diretor de investimentos da Scala Data Centers, Raphael Rodrigues, afirma que os R$ 3 bilhões da empresa que serão aplicados na construção da "cidade de data centers" a ser erguida em Eldorado do Sul são apenas o aporte inicial do empreendimento. Ele vê espaço para o crescimento do setor.

EVANDRO OLIVEIRA/JC

Rodrigues destacou oportunidade encontrada para chegar no RS

Conforme Rodrigues, a indústria de data centers na América Latina tem por volta de 800 megawatts de capacidade instalada, sendo que, desses, cerca de 600 megawatts estão no Brasil. "Quando fazemos a conta pelos próximos 10 anos, iremos precisar de em torno de 8 a 13 mil megawatts, dependendo do impacto da IA", ressaltou durante sua fala no evento Buy RS, realizado no dia 9 de setembro no Instituto Ling.

O gestor salientou que o Brasil precisa se inserir com força no mercado mundial de data centers. "Temos uma alta previsibilidade climática, com alguns desafios, mas muito menos do que regiões que são alvo de furacões, tsunamis, ou outros problemas sérios. Temos energia renovável disponível, o que é um ponto crítico para o nosso cliente, então, por que vamos ficar fora dessa festa?", disse.

Diante desse cenário, ele observou que a empresa encontrou no Rio Grande do Sul um cenário propício para a realização do alto investimento. "Encontramos aqui uma região que tem mais de 8 milhões de metros quadrados que a gente comprou, tendo do outro lado da rua uma subestação elétrica, com capacidade para receber até 5 mil megawatts de energia. A partir daí, lançamos esse projeto chamado Scala AI City", destacou.

A capacidade inicial de TI da Scala AI City será de 54 megawatts e o projeto todo compreende um potencial de expansão que pode chegar a 4.750 megawatts. "Para construir um data center, se investe por volta de US$ 10 milhões por megawatt de TI. Ou seja, 4,75 gigawatts são US$ 48 bilhões necessários para fazer esse projeto. Não vai estar pronto ano que vem, mas estamos indo degrau por degrau", informou.

O executivo se disse entusiasmado com a chegada da empresa no Rio Grande do Sul, mas alertou para um problema que afeta a competitividade brasileira no mercado global dos data centers. "Somos altamente competitivos no Brasil, exceto em relação às tarifas de importação. O valor que um cliente paga para importar um chip é muito maior no Brasil do que na média do mundo."